



Núm. 9

RENOVAÇÃO

Renovação

REVISTA QUINZENAL DE ARTE, LITERATURA E ACTUALIDADES
PUBLICA-SE NOS DIAS 1 E 15 DE CADA MÊS

Director: *Santos Arranha* * Editor: *Alexandre de Assis* * Propriedade da Secção Editorial de «A BATALHA»
Officinas de composição e impressão: *Imprensa Beleza - R. da Rosa, 99 a 107*
Redacção e Administração: *Calçada do Combro, 38-A, 2.ª - Lisboa* Telefone: *Trindade 539*

SUMARIO do numero anterior:

O papel da água na filosofia, (com gravuras) — **Da arte moderna**, (com gravuras) — **Água, aguadeiros e... aguados**, (com gravuras) — **A tragedia bulgara**, (com gravuras) — **As profissões humildes**: Os amoladores, por *Ferreira de Castro*, (com gravuras) — **Jean Jacques Rousseau**, (com gravuras) — **O povo e as revoluções**: Junho 1848 (com gravuras) — **Bilhetes femininos sobre a moda, a elegancia e a graça da mulher**, (com gravuras) — **Mundo Curioso** — **Actualidades**: O assalto ao edificio da C. G. T.; O 1.º Congresso Confederal; O aniversario da Republica; *Ferreira de Castro* — **Capa**: desenho de *Norberto Nobre*.

Ano I — Numero 9

Lisboa, 1 de Novembro de 1925

Renovação

E O TESTAMENTO DE ADÃO?



MIGO dos artistas, o rei que levou para França Ticiano, Vinci e Cellini, era também guerreiro e gosador.

Simple duque d'Angoûleme sonhava glórias sem fim; alçado a duque de Valois encheu-se de visões maiores e tomado duma ambição desmedida, determinou-se, ao subir ao trono de França, a lançar-se numa pegada aventura das conquistas. Galgou com as suas hostes, os paizes e, passando os Alpes, bateu os suíços de tão

grande fama; vencedor em Marignan entrou triunfalmente na Italia. Esse rei, de prognatismo acentuado, amigo das canções de esturdia, das bôcas frescas das mulheres, do sangue e da lucta, ave de presa que, de regresso ao ninho, queria esquecer nos braços das amantes a morte que vira de perto, defrontou a ansia maxima dum outro soberano guerreiro. Francisco I — o dedicado aos divinos intellectuais da Renascença — desafiava Carlos V, cujo desejo consistia no trono imperial da Alemanha ligado aos seus dominios de Espanha.

Ardia-se, nessa epoca, na realisação duma monarchia universal cuja corôa ornaria a cabeça do soberano poderosissimo capaz de a formar. E ambos, Francisco I e Carlos V, a idealisavam, um com as suas arremetidas de louco, d'artista, de valente, o outro com a manha, a bravura, o conhecimento dos homens.

Guerras sem treguas se iam travar. Disputava-se aquele pleito como num torneio cuja liça fosse o mundo. As mais lindas armaduras brilhavam ao sol das batalhas e Cellini, o admiravel cinzelador, não parava de criar suas maravilhas para os elmos, as couraças, as armas dos cavaleiros franceses.

Desaparecera a idea da cristandade em sua pureza desde que se pensara nas victorias e já se imaginava meter na acção o Grão Turco tido, até então, por infiel, inimigo, insultador da fé.

Rolavam os exercitos pela Europa fóra e os mais bravos soldados do seu tempo encontravam-se rijamente para maior gloria de seus senhores. Levedava tambem a traição. O condestavel de Bourbon, ambicioso e austero, voltava-se contra Francisco I, que ia sossobrar na batalha de Pavia. Reboou um grande brado de pasmo pela terra inteira. O rei cavaleiro ficara prisioneiro depois de exclamar num arranco, num desespero:

— Perdeu-se tudo, menos a honra!

Agora, no seu cativo, assistia á glorificação do inimigo, sentia á volta do seu pendão os mais valorosos e ricos senhores da sua epoca. Carlos V era o dono da

Espanha e das suas colonias da America, duma parte da Italia, da Flandres, Alemanha e Austria, gosava dum poder tão grande como jamais coubera em sorte a um só homem. Ofuscava os velhos conquistadores cujos bustos ornavam as salas dos palacios numerosos que possuia, tornara-se quasi um deus e não estava ainda contente: ambicionava ser o soberano da monarchia universal.

Frio, reservado, calculador, o filho de Joana a Louca, era um singularissimo temperamento. Não herdara da mãe mais do que o trono e sendo um flamengo sabia reinar num paiz de luz, de sol, de ardor. A sua mão estendia-se para apertar o globo e exclamar: é meu; a terra é minha.

No fundo do palacio onde o tinham encerrado, o prisioneiro Francisco I devia meditar tristemente no fracasso dos seus ambiciosos designios. O rival era tudo; á sua beira juntavam-se as maiores subservencias, e, então, num brado indignado, fero, sarcastico, o vencido, o rei ambicioso, soltou uma exclamação que foi arrancada ao fundo da sua consciencia d'homem e atirada ao mundo que a esqueceu. Francisco I disse:

«Gostava de vêr o testamento de Adão que deixou a Carlos V um imperio onde nunca se põe o sol.»

A revolta contra essa enorme propriedade brotava instintivamente, duma bôca real. Mais ainda: a negação do direito de possuir saía dos labios dum soberano na hora da sua enorme amargura.

Como o primeiro homem que habitou o mundo — segundo a Biblia — não legara a pessoa alguma os seus dominios, todos os que se apossaram da terra não tinham direito a possuí-la. O testamento do primitivo Senhor não aparecia; logo não havia posse legitima.

O que este rei clamou como um desabafo raivoso foi a frase inicial da sintese de Proudhon: *«a propriedade é um roubo»*. Antes que ele o dissesse já um poderoso do



Francisco I

(Escola francesa do 16.º século)

mundo, na sua má hora, o asseverava. Aquele que o vencera considerava-o usurpador dum imperio onde nunca se punha o sol, quem sabe se até mesmo da menor parcela de territorio?! A escola da desgraça é a que gera maiores reflexões mesmo nestas cabeças coroadas, mesmo na alma dos ambiciosos decaídos de seus sonhos.

Foi, talvez, nesse momento de renúncia que o prisioneiro delibrou assinar o pacto de Madrid. Em troca deram-lhe a liberdade. Depressa, porém, esqueceu a combinação. Soltou o seu protesto veemente, terrível e ligou-se logo com o rei da Inglaterra para combater o inimigo. Não esquecia que não vira na mão de Senhor tão poderoso o testamento de Adão.

Entretanto o magnifico imperador sentiu um grande desdem pelas homenagens. Com a sua fria analyse penetrou no coração dos homens que o cercavam. Desejou tirar uma grande prova da dedicação que lhe juravam, das cortezias que lhe rendiam. Fingiu-se morto, encomendara, d'antemão, os seus funerais e sentiu que os cortezãos se voltavam para o sol que nascia, para o herdeiro, abandonando o amo, o Senhor do imperio onde nunca se punha o sol.

Então despojou-se da purpura, arrojou as dignidades e as grandezas. Talvez pensasse na frase do adversario, tornado agora seu cunhado, relativa ao testamento de Adão.

Não quiz mais ser o dono desse imperio vastissimo, sentiu que todas as palavras escutadas até ao momento de se fingir morto não eram mais do que sons hypocritas e retirou-se para o convento de S. Justo onde se amortalhou num habito de frade.

E viu-se, muitas vezes, o antigo imperador varrer humildemente a portaria.

No seu trono não havia mais claridade. Reinava nele a suprema sombra da historia. Sucederam-lhe o neto da louca Joana, Philippe II. Os sinos tangiam e o astro ao iluminar-lhe as terras vastas parecia só não lhe tocar o rosto como se quizesse conhecer tambem porque era ele o Senhor de tantos paizes sem que possuísse o testamento de Adão.

Depois sumiram-se nas profundezas das suas catacumbas os actores desta tragedia de guerras ambiciosas; o mundo continuou no seu giro e a historia albergou mais conquistadores. Avançaram com passadas rijas e pesadas, esmagando e vencendo entre aplausos, lisonjas, salvas e vivas. Nenhum se lembrou do retiro do grande imperador e muito menos de perguntar porque tanto possuíam.

Proudhon acordou um pouco as consciencias porque a frase do rei, na qual ele parece ter modelado a sua sintese, jazia no fundo dos arquivos como se a quizessem occultar, como um crime, o incitamento do não reconhecimento da propriedade, saído da boca de um grande rei que se rodeou de beleza, d'artistas, de magnificencias sem, por sua vez, possuir o testamento do fabuloso Adão.

O ELOGIO DAS TOURADAS

Há lá espectáculo mais bello do que as touradas, sejam elas picaras, como ho sul da França, covardes como em Portugal, sangrentas como na Espanha!

A visão dum animal, que se entontece e espicaça e mata; dum «artista», que corre e se dissimula e fere; dum publico que delira e ulula e goza — desanuvia o espirito e estimula os nervos, para grandes cometimentos.

A festa peninsular é bem uma festa de requintados, de sensuais, de «valentes». Trazer em jaulas da campina tranquilla algumas rezes que se convencionou chamar bravas, tê-las encerradas num estreito recinto durante largo tempo e depois lança-las uma a uma, para uma vasta praça, cheia de sol e ruído, onde uns cavalheiros, vestidos à maneira dos séculos que foram, como num permanente Carnaval, lhes aceitam com panos vermelhos e lhes cravam na cerviz farpas dilacerantes, eis a galharda demonstração da valentia, da cultura, da sensibilidade dum povo.

Às vezes a tortura infligida ao animal não fica só em ferir-lhe a carne com ferros, vai até à própria morte. Então o espectáculo atinge o máximo da sua grandiosidade. É solene e heróico. A praça barulhenta, cortada de pregões e de dichotes — emudece. As mulheres, em espasmos, espreitam, ansiosas pela volúpia do sangue, e os homens, aparentemente calmos, sustêm a respiração e ouvem o bater apressado do próprio coração.

O «artista», o «valente», que fez entontecer o touro com os capotes, que o obrigou a baixar a cerviz com as bandarilhas e que o embriagou no sangue dos cavalos, agita ante ele um farrapo vermelho e quando o animal arremete, frouxamente já, crava-lhe um estoque entre as espáduas, uma, duas, três vezes por entre um espadanar de sangue, até que a rez ferida de morte, tomba.

Se a «sorte» foi boa, a multidão urra de arrebatamento, saudando o herói; se foi má urra também, apunhando-o. Urra sempre, porém; porque urrar é próprio de fera à solta, quando delira à vista do sangue. E nada mais semelhante a uma fera do que esse publico feito de fidalgotes arruinados, de burgneses sórdidos e de povo vadio e imbecil.

Não há espectáculo mais morigerador do que as touradas. Os Poderes Publicos, que as patrocinam e frequentam, deveriam torná-las officiaes e obrigar as crianças das escolas a frequentá-las pelas lições de boas maneiras, de lealdade e respeito pela vida dos outros seres, que lá se colhem. A Força Armada deveria receber, pelo menos mensalmente, com o seu soldo, um bilhete para uma corrida de touros, escola de bravura e de abnegação. Aos prezos das cadeias deveria proporcionar-se-lhes com frequência tais espectáculos, para adoçar neles os instintos ferozes e pôr ante os seus olhos o simbolo do castigo.

Roche Masluis

A sociedade muito teria a lucrar com a intensificação de tal género de divertimentos. Assim o tem entendido em Espanha a Monarquia e o clero, os «pro-hombres» da governação e os cocheiros de praça. Especialmente o clero regular, — com os veneráveis padres da Companhia de Jesus, à frente, — entende que as touradas são tão necessárias para manter a estupidez do povo, como a frequência das igrejas.

Já que não há auto-de-fé, que ao menos as corridas de touros supram o gozo inefável de ver sofrer, tão necessário ao animal humano.

Nas mesmas ideias abundam, sabemos-lo, os virtuosos democratas do lado de cá da fronteira, filhos dilectos da humanitária maçónica e sócios honorários da Associação do Livre Pensamento. Ainda bem; este povo do que precisa é de se divertir, com espectáculos fortes, que lhe acendam as energias latentes. Precisa de ver sangue, de cheirar sangue, para reagir e arremeter, de cabeça baixa e carreira veloz, atrás do capote do voto.

Ah! as touradas, que escola de virtudes cívicas e domésticas! Que fonte constante de nobres emoções! O Estado protector deveria torná-las obrigatórias, como o imposto ou o serviço militar. Cada cidadão seria durante uns meses toureiro e aqueles que tivessem mais propensão para touros — e são tantos bravos — convinha que fossem remunerado pela Nação que os consideraria Beneméritos da Pátria. Assim os marido enganados... teriam uma desculpa no dever cívico.



Quadro de Aimé Morot

OS OBSCUROS AMOLADORES

AMOLA FACAS E TESOURAS!...



O amolador, por Goya (Museu de Budapest)

Ainda os amoladores.

Através da Lisboa bulhenta e desordenada, êles passam, inconfundíveis até na própria multidão, como se fôsem tipos de uma casta distinta. Patenteiam o seu aspecto nostálgico de nómadas, a sua expressão sombria de emigrados párias. Devem ser parentes de apartado grau desses ciganos que mercam nas feiras e em nenhum lugar se fixam — mas devem ser também descendentes réprobos dos judeus que dominam a finança do mundo. Figuremo-los assim, e teremos desenhado à vista um quadro verdadeiro da sociedade contemporânea.

Passam os amoladores, inconfundíveis sempre, com a sua blusa desbotada, com as suas calças velhas, empurrando esse aparato curioso que parece feito para ensiná-los a caminhar... E caminham, de rua a rua, preferindo os bairros miseráveis, gritando a oferta dos seus modestíssimos préstimos. Detêm-se à porta de uma casa, aceitando de mãos magras e pálidas os objectos laminados — para amolar. E amolam, dando o impulso dos seus pés grosseiramente calçados à roda enlameada, outro instintivo desejo não tendo do que *amolar* uns regateados tostões que virão a enganar o estômago, a afiar-lhe mais a sobriedade, quando metamorfoseados numa sopa anémica.

Amolam, amolam até ao ultimo fio da lâmina tantas vezes gasta e quasi sempre inutil. Sobre o exêntrico aparelho, uma pequena roda de pedra parece comer à mandegoura as partículas do metal, partilhando da refeição o humilde trabalhador, que vai aspirando a humidade que lhe invade a indumentária e as propriedades síliceas que lhe envenenam lentamente os órgãos vitais. E se o volante, impulsionado nervosamente sobre um estreito pedal, calha rebentar, numa subita violência — ai, o pobre amolador é metralhado por inumeros projecteis de pedra, de sola e madeiras, que lhe causam uma série longa de perigosos traumatismos, alguns fatais.

«A vida — disse-nos já um destes pobres emigrados — muito custa a amolar para se levar afinadinha». E neste

expresivo conceito vai a revelação de toda a sua ignorada tragédia. Curvados sobre o objecto da sua actividade, o amolador força a circulação do seu sangue enfraquecido por privações, desarranja perigosamente o sistema bronco-pulmonar, ganham lentamente a cegueira que lhes atribula os ultimos anos de existência. Não lhes tardam nunca a *física calcarea*, trazida pela aspiração continua das partículas pulverulentas do metal. Eles, os obscuros afiadores sabem-no — mas não deixam de pedalar o negro pão na afinação seca de uma faca velha. Conhecem, tantos deles, por a observarem nos companheiros, a marcha da terrível e inevitável doença: a tosse cavernosa, a respiração sonora e, mais tarde, o atafalhamento dos bronquios, disneias, hemoptises, os estertores e os vomitos. E quando surgem, finalmente a febre hética, os suores copiosos, o quebranto das forças, — o triste amolador tem a consciencia da morte próxima, fatal consequência da tuberculose pulmonar que ganhou em anos de doloroso labor.

E nem, ao menos, o seu eventual ganha-pão lhe permite atender a prescrição sanitaria dos meios defensivos da sua existência atribulada. Apenas poderá cortar o fio das suas amarguras quando, findo o trabalho, se afasta de uma voz praguejante que lhe pedala, numa vibração ferugenta, a miserável paga até à acusação mentirosa de um preço exagerado.

E assim passam através da multidão egoista e bulhenta, os nostálgicos amoladores, inconfundíveis com a sua blusa velha e com as suas calças descoloridas e chapadas de remendos, presentidos de todos pelo rodar do seu excentrico carrinho de uma só roda e pelo seu pregão áspero como uma lâmina cortante...



O amolador, por Teniers (Museu do Louvre)

IDEOLOGIA

por FERREIRA de CASTRO



É o mito de Deus um tirano espiritual, um ditador que condena a rebeldia, que é a suprema virtude, para glorificar a resignação, que é o supremo defeito.

Eu nunca soube dobrar os meus joelhos, minha cabeça nunca conheceu o ritual da genuflexão; eu amei sempre o espírito, mas o espírito livre — e por isso fui ateu.

O cristianismo é um ideal de fracassados, cujas mãos de fraternidade trazem algemas — e por isso, eu, que encontrei na vida muitos Judas disfarçados em santos, neguei-me a ser cristão.

É o catolicismo uma religião de escravos que, rejeitando perder os amos terrestres, que são transitórios, recorreram a deus, que é um amo eterno.

Não é o catolicismo um templo de bondade e de amor, mas sim um tabernáculo onde Onan desfolha suas rosas solitárias — e por isso eu não fui católico.

Todas as religiões são grilhetas morais, todos os deuses são carcereiros do espírito — e por isso, eu, que fui um homem livre, não tive religiões nem tive deuses.

Acusaram-me de inventar almas — como se essa não fosse a minha maior virtude.

E acusaram-me também de ser pouco humano — como se fosse possível eu estar fora da natureza.

Eu não fui, de facto, um descobridor de almas, porque para as descobrir tinham elas de existir — e tudo o que existia era prosaico ou sinistro.

Eu criei com meu sonho almas novas, almas inéditas, almas que são do futuro — mas que ao futuro as fui buscar para que na minha época se fizesse ainda a cerimônia da revelação.

Tudo o que vive na imaginação é muito mais belo do que tudo o que vive na realidade.

Antes de mim tinham existido na Literatura os descobridores e os copiadores — comigo principiou a época dos inventores. E a vida, como sempre, se encarregará amanhã de nos plagiar, dando realidade aos nossos inventos.

Que assombro revelará o rosto dessa mulher que nos seculos vindouros descubra sua alma num livro já muito antigo! E todas as almas de agora serão então apenas almas históricas.

Revelar o Futuro, é ser inventor no Presente. E essa deve ser a maior aspiração do artista.

UM PINTOR INDIANO

A exposição de Antonio Piedade Cruz
no salão da "Ilustração Portuguesa"

O jovem pintor procede de uma remansosa e florida aldeia de Goa, onde o sol faz arder as corolas em flamas de perfumes e doura a face das mulheres com a cor quente da tamara madura.

Antonio da Piedade Cruz aventurou-se um dia pela Europa e chegou a Alemanha. O seu gesto incensado à moda do Oriente, desde o primeiro dia, no paiz dos germanos, atraiu atenções de todo o mundo, ao mesmo tempo que umas crónicas de fulgor se lavravam espontaneamente nos órgãos de publicidade *modernista*.

A critica mitrada veio pouco depois, com o cortejo solene de canones e dogmas, ao seu encontro, e Antonio da Piedade Cruz, sem sair da sua solidão nem olvidar os rigorismos da sua sensibilidade autonoma, procurou a harmonia ideal entre o temperamento livre do individuo e a visão caprichosa de um povo orgulhoso, que sente muito conscientemente a sua arte.

Três anos passados, Berlim proclamava o «Indisch Maler» como unico, inconfundível e incomparavel na sua indole personalista.

A sua passagem por Lisboa significa uma atenciosa lembrança dos seus amigos portugueses que tiveram ocasião de visitar o seu atelier na Alemanha e a quem ele desejou cumprimentar satisfazendo ao mesmo tempo a vontade de conhecer a paisagem imortalizada pelo insigne Byrou.

Cruz, sempre satisfeito, mostra-se agora descontente por não poder expor em Portugal todas as modalidades da sua arte, que, na verdade, ele tem na conta de muito complexa e variada.



A mulher de Anfora Indiana

A IRONIA DA ABUNDANCIA

A abundancia não existe. Como sinonimo de fartura é um mito.

Há sim a super-produção da terra, como a há nas indústrias. É um fenómeno que os economistas estudam, etiquetam, catalogam e de que se servem nas suas estatísticas. Mais nada.

O pobre nunca sabe o que é fartura, sejam ou não abundantes as colheitas. O que trabalha a terra tanto se lhe dá que uma semente gere dez como cem. O salário é sempre o mesmo, o trabalho é sempre duro e a fome não deixa de ser igual.

Que importa que a terra se desentranhe em prodígios de fecundidade, se isso não beneficia nem aos próprios senhores do solo?

O ano agrícola que termina foi dos mais abundantes. Raros terão tido em Portugal ocasião de ver outros tão fartos de azeite, de trigo, de centeio, de legumes, de batata, sobretudo de batata. A produção do milho, cuja colheita se pode considerar já concluída, é também enorme.

Quem sente isso fóra do estreito ciclo dos especuladores da terra? Os próprios agricultores assalariados ficam indiferentes ante a maravilha. É que sabem de antemão que ela em nada alterará o seu viver. E os exploradores do solo rangem os dentes de raiva, porque a abundancia gera o excesso de oferta sobre a procura, o que desvaloriza o produto, deixando eles assim de ganhar quanto a sua voracidade pretendia.

Há muito de tudo? Tanto peir. Os que exploram o trabalho agrícola e a riqueza do solo hão de ocultar o que puderem das colheitas e destruir grande parte delas, só para que as cotações não baixem.

A produção de batatas foi extraordinária, já porque o ano foi de si abundante, já porque muitos senhores da terra intensificaram essa cultura na ânsia de especulações. A abundancia transtornou-lhes os planos. Todos têm muito e vá então de inutilizar parte da colheita, de cevar com ela os porcos, de a deixar apodrecer mesmo — só para que não se venda mais barata um centavo.



«A Abundancia» ou «Ceres e Pomona» por Rubens (Museu do Prado)



«A Abundancia» por Jordaeys (Museu de Bruxelas)

Hão de conseguir autorizações para exportação de determinados produtos e proibição de importar outros e hão de manter os preços correntes senão aumentá-los. E a abundancia degenerará em carencia, a fartura em fome.

É sempre assim; tem sido sempre assim. A abundancia é uma macabra ironia. Serve de pretexto para tudo — principalmente para diminuir salários e deixar, no ano seguinte a ter-se manifestado, grandes tratos de terra por cultivar. Só não serve para distribuir por todos igualmente os dons da Natureza. Ela, a próspera amiga do homem, bem se esforça em significar-lhe essa amizade; o homem, porém, ignorante e fraco, deixa que uns

tantos dos seus supostos semelhantes sejam os únicos a gozar aquilo que a todos se destina.

A produção agrícola, a mais contingente, a mais rude talvez em provocar, é fruto da necessidade e muito do amor á terra. O agricultor, mais de que o trabalhador das cidades consagra carinho ao meio e aos instrumentos com que trabalha. Devota-se-lhes. E a sua maior alegria é saber que «o ano foi bom», que a terra não deixou de corresponder ás suas esperanças. E enquanto as messes pujam e as frutas sazonom promitentes, uma alegria pa-



A «Abundância», por Paulo Cagliari, o Veronês

ternal apossa-se d'ele. Breve chega a grande desilusão, que nem por ser repetida é menos intensa. As colheitas vêm e com elas a ganância do explorador a ocultar a riqueza, a açambarcar, a destruir mesmo aquilo que tanto suor e amarguras custou aos outros.

A abundancia! Que dolorosa ironia! Bem andaram os artistas figurando-a sempre acompanhada duma cornucópia, cuja cãmpanula se ergue repleta.

E' esse verdadeiramente o símbolo. Uma cornucópia cheia de riquezas erguida ao alto, votivamente, para regalo dos que dominam e exploram, e terminando em ponta retorcida, dirigida para baixo.

Enquanto os senhores, os que nada fazem e dispõem da terra em nome dum direito de que até hoje não se encontrou fundamento lógico, podem colher a seu talante os melhores e mais raros frutos da abundancia; os outros, os únicos que produzem, têm para se irem entretendo... a ponta retorcida da cornucópia!

E' assim sábia e equitativa a justiça dos homens e a dos deuses, que eles inventaram.

AS PIRAMIDES DO EGITO

Geralmente crê-se que as famosas pirâmides do Egito são uns monumentos arquitetonicos cuja base é um polígono qualquer e as suas faces laterais são uns triângulos com inscripções jeroglificas da época dos faraós; mas do que nem todos temos idéa formada é de que essas tão debatidas pirâmides sejam cada uma delas um verdadeiro palacio-sepultura.

As setenta pirâmides egipcias que se acham na vertente do deserto da Libia, em frente ao Cairo, estão repartidas em varios grupos ocupando uma extensão de 30 quilometros e serviram de tumulos dos reis do Egito. Entre estas pirâmides foi que Napoleão sustentou a celebre «Batalha das Pirâmides» contra os mamelucos.

As dimensões da piramide de Cheops são de 13718 metros de altura por 233 de lado na sua base quadrada, que é de 54,399 metros quadrados, sendo de 2.487,484⁹⁴ metros cúbicos o volume da piramide. Termina em uma especie de plataforma á qual se sobe por uma serie de 203 degraus. Como as areias do deserto occultam a base da piramide não se apresenta esta em toda a sua altura primitiva.

São construidas as pirâmides das mais rijas pedras. Situadas a de Cheops a dez milhas do Cairo, portanto da antiga Menfis, o viajante interroga-se, pasmado, como poude realizar-se a construção de tão ingente obra em tal sitio e em tão remota época. Heródoto explica-nos assim o caso. Faraó dispoz que se construísse para o carreto da pedra, uma calçada desde as pedreiras de Tura até ao Nilo, ao lugar da colocação da grande piramide. Na construção dessas calçadas e em abrir a camara subterranea, trabalharam durante dez anos, nada menos de cem mil homens, que eram rendidos no fim de trez meses por outros novos, e que para terminar tão gigantesca obra foi preciso empregar, durante vinte anos, outros tantos operarios. Segundo acrescenta Herodoto, que visitou o Egito pelo ano de 470 antes de Cristo, nada menos de cem mil operarios foram empregados na construção da piramide de Cheops, que trabalharam durante trinta anos, e acrescenta que nela contava, em linguagem hieroglifica, que só em rabanos, alhos e cebolas consumidas pelos operarios durante esse tempo se gastaram 1.600 talentos.

A pouco mais ou menos uns quinze metros sobre a base, na fachada norte, ha uma porta que por corredores conduz ao que se chamou «Camara da Rainha». Logo outro corredor ascendente conduz á *Camara do Rei* e assim repartidas existem departamentos para os serventuarios, animais domesticos, etc.

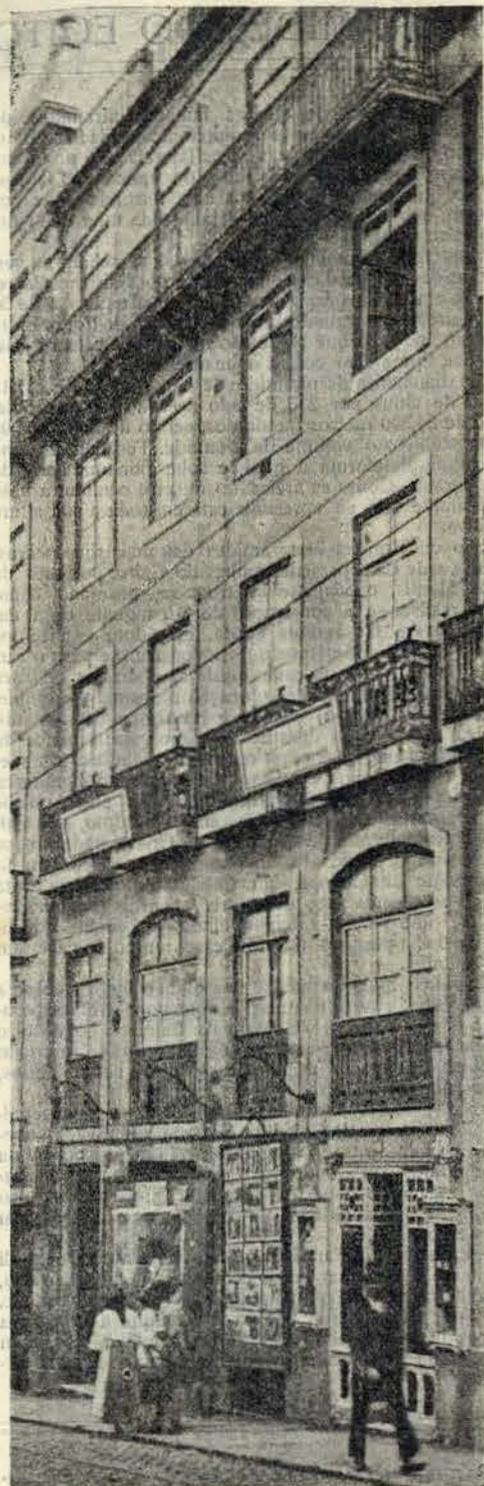
Estas grandes pirâmides foram destinadas ás sepulturas dos Faraós. Era costume sagrado que cada soberano, ao subir ao trono, escolhesse o lugar e a forma da sua sepultura, começando logo os trabalhos da construção da mesma e dando-se-lhe maior ou menor impulso segundo as probabilidades da duração da vida de quem havia de ocupa-la.

Ao morrer um Faraó, a sua mumia era enterrada ali juntamente com todos os objectos do seu exclusivo uso, collocando-se junto da mumia, comida, vestidos, livros etc. para que ao despertar (acreditava-se que a morte era um sono mais ou menos profundo) se encontrasse com o necessario para assim continuar a sua vida ultra-terrena...

O socego do espirito é a satisfação interior que sentem em si proprios aqueles que sabem que fazem sempre tudo quanto podem seja para conhecer o bem, seja para o adquirir. E' um prazer, sem comparação, mais doce, mais duradouro e mais solido que todos os demais.

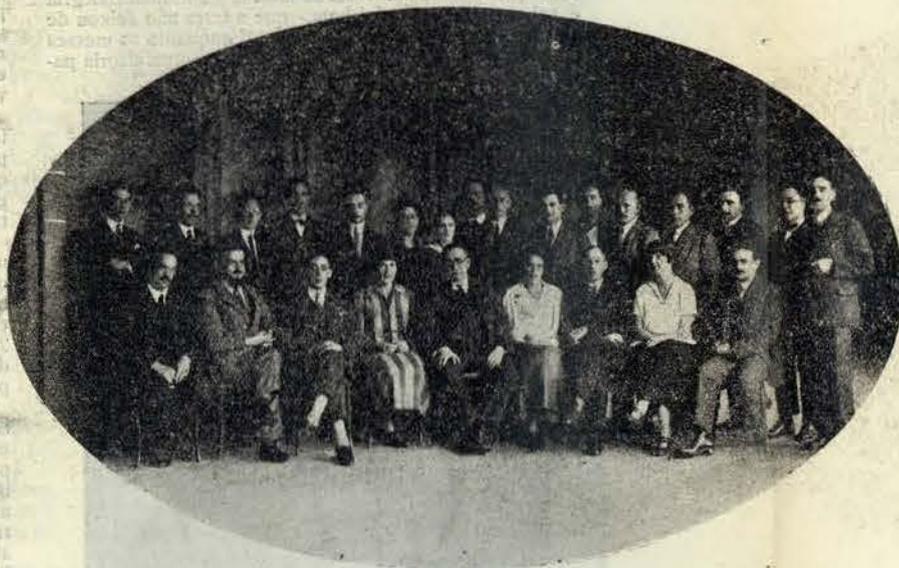
DESCARTES.

ACTUALIDADES



A futura sede-própria do Sindicato e Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa

No dia três do corrente é finalmente celebrada a escritura da venda, à Caixa de Previdência do Sindicato dos Profissionais da Imprensa de Lisboa, do prédio sito à Rua do Loreto, n.ºs 13 e 19, e Rua da Horta Sêca n.ºs 12 a 20, onde vai ser instalada a sede daquele organismo.



Os professores que tomaram parte no Congresso Internacional de Ensino, em Bruxelas, vendo-se ao centro o Secretário geral da Internacional, Leon Vernochet

Regressou já da Rússia o nosso amigo prof. Cezar Porto, que tomou parte, como delegado da Associação dos Professores de Portugal, aderente à Internacional de Ensino, na excursão de estudo à República Sovietica, a convite da Federação Pan-russa de Ensino. Cezar Porto, antes de seguir para a Rússia, tomou parte no Congresso da Internacional de Ensino que se iniciou em Paris e terminou em Bruxelas em virtude do governo francês não ter permitido a entrada dos professores russos. Findo o Congresso, partiu então para a Rússia onde se demorou um mês, tendo focado a sua observação principalmente sobre a obra educativa do regime sovieta e sobre a renovação teatral que ali se está operando. As suas impressões comunicá-las-há ao público em quatro conferências que se propõe realizar sobre os temas: Situação política e social; Instrução e educação; Teatro, e Operariado.



Uma manifestação nos Estados Unidos contra uma proibição do governo

Uma manifestação de protesto contra a proibição da entrada no território americano ao deputado comunista inglês Saklatvala, acaba de ser feita nos Estados Unidos, empunhando os manifestantes placards com os seguintes dizeres: «Abaixo o imperialismo». «O governo de Washington é um governo capitalista». «Viva a Rússia dos Soviets».



A EXCURSÃO DOS PROFESSORES À RÚSSI

Sentados à frente, os delegados estrangeiros: Wullens (francês); Karzen (alemão); Francon (francês); Cezar Porto (português) presidente da delegação; Apleten (russo); o presidente do Sindicato dos Professores da Geórgia; e Bulte (francês) Os restantes: professores georgianos, membros do Sindicato.



A EXCURSÃO DOS PROFESSORES À RÚSSI

Fotografia tirada no Hotel de Saratova vendo-se em pé, ao fundo, o delegado da Associação dos Professores de Portugal, o professor e escritor Cezar Porto.

VOZES DO

Do carcere maldito a fauce escancarada
bocarra de cruel ciclópico mastim,
par'cia antegosar a hora desejada
de torpe bacanal, de lúbrico festim.

Reboára pelo ceu a voz da rebeldia,
e a fera reacção que dela se arreceia,
mandára que se abrisse a lúgubre enxovia,
na mira de enjaular os mártires da Ideia.

Ali, sem ar, sem luz, no espaço infecto, estreito,
a dôr vive a gritar no rdo maguado,
fazendo estremecer de raiva o magro peito
na forte indignação do justo atormentado.

Sofridos corações, sedentos de justiça,
jungia-os, dêsse anstro o inexoravel ferro.
Heróis do santo amôr, herois que, em árdua liça,
quebraram lança e arnez na luta contra o Erro.

Quem ousa profanar do amôr a lei divina?
Quem ousa corromper a cândida bondade?
Se visses, bom Jesus, a tua sã doutrina
servindo de pretexto a tanta crueldade!

A noite, que descia envôlta em sombra densa,
toldára com tristeza o brilho das estrelas;
queria protestar assim contra a ofensa
às leis da Natureza, eternamente belas.

A' luz de um lampeão já velho e ferrugento
passeava, em pleno pátio, o guarda negro, esguio.
Silêncio... Muito além rugia forte o vento,
e àquem o guarda errava a firtitar de frio...

De subito quebrou silencio tão funesto
dôs peitos um clamôr energico, sem fim.
Vibrante era o clamôr erguido num protesto,
mas vão protesto aquêle...

A voz dizia assim:

— «*Quem é que nos detem aqui nesta agonia,
que nas almas em flôr apênas ódios gera?
logar aonde a noite apaga a luz do dia,
e o Inverno nunca cede a vez á Primavera?*

*Que mal fizemos nós? Que crime cometemos
p'ra nos irem roubar ao casto e santo lar?
Acaso vos afronta o muito amôr que temos
á nossa companheira — a luz do nosso olhar?*

*Quem é que nos conduz por tão escuros trilhos?
Alguem que nunca soube o que era amôr de pai,
e não pensa o que seja estar longe dos filhos,
p'ra quem a cada instante um vão suspiro vai!*

*Três vezes quiz alguém comprar-nos o silencio,
mas — ah! — prezamos muito a nossa dignidade!
Vós, não! o vosso orgulho um simples gesto vence-o.
Lacaios da Mentira! Algôzes da Verdade!*

*Que mal fizemos nós, ó almas tortuosas?
Zombámos do pudôr da virgem loira e bela?
Manchámos o seu veu mais puro do que as rosas,
mudando em vil rameira a cândida donzela?*

*Sabei que nos não peza o minimo remorso!
E' branca como a neve o nossa consciencia!
Amâmos a Verdade e o nosso grande esforço
desbasta a densa treva a golpes de sciencia!*

CÁRCERE

*Amâmos a Verdade e qu'rêmos conhecê-la,
sentindo o coração da terra a palpitar!
Querêmos explicar o brilho de uma estrela,
a chama de um vulcão... o fogo de um olhar!*

*Querêmos derruir o velho Preconceito
que ha séculos gerou o Império e a Escravidão.
Querêmos que triunfe o lúdimo direito:
que todos tenham tecto e todos tenham pão!*

*Encher almas de luz, enchê-las de esperança,
mudar-lhe em tolerancia o sórdido rancôr;
defender a mulher, amparar a creança,
a uma com carinho, a outra com amôr!*

*A terra arrotear co'o lindo arado de oiro
da nossa grande fé magnífica, profunda!
Tornar sua aridez esplendido tesoiro,
pedindo á luz do sol que a torne mais fecunda!*

*Querêmos semear a era da bondade,
pois temos pelo ódio o ódio mais intenso,
para que um belo dia a sã fraternidade
envolva todo o mundo em um abraço imenso.*

*Que a esposa seja esposa e não a simples fêmea,
p'ra quem o homem tem só lubricos desejos;
que a nossa alma, olhai, seja da sua gêmea,
que seja o nosso amôr mais digno dos seus beijos!*

*Não vêdes nos vergeis as delicadas flôres
abrirem num sorriso á luz do sol ardente,
trocando livremente olimpico adôres?
Nós qu'rêmos ser assim — viver naturalmente!*

*Querêmos vêr raiar no ceu da nossa vida
o sol da Liberdade, á guisa de bonança;
a Paz assinalando, a Paz apeteçida,
tal como antigamente o Arco da Aliança.*

*Querêmos demolir a estúpida fronteira,
que é hoje um preconceito inútil como os maís;
que aviva e alimenta a Indole guerreira,
mantendo para sempre os homens designais!*

*Fronteiras, castas, leis só gera a iniquidade!
P'ra que ha de isso existir, se nada é natural?
Que fique uma só patria — a vasta humanidade,
que fique uma só lei — o amôr universal!*

A pouco e pouco a voz austera ia perdendo
o fogo divinal que os écos realçavam.
Até que emudeceu. Naquêl pátio, horrendo
ouvia-se sómente os peitos que arquejavam.

Da grade se aproxima o guarda, quasi a medo,
(que a férrea disciplina o peito lhes oprime)
e aos presos se dirige assim como em segrêdo:
— «*Propagastes o Bem? E' esse o vosso crime!*» —

(INÉDITO)

1 de Outubro-1925.

Bento Faria.

O NÚ ARTÍSTICO E O NÚ OBSCENO

Flaubert, a quando do escândalo provocado pelo *Bel-Ami*, dizia a Maupassant, numa carta que ficou celebre:

«Não existem obras morais nem imorais. O que se deve procurar numa obra de arte é a Belesa e esta não pode estar sujeita á moralidade comum».

Oscar Wilde, no prefacio do «Retrato de Dorian Gray», repete a mesma idea, ao dizer:

«Um livro não é moral nem imoral: é bem ou mal escrito». «O artista póde exprimir todas as coisas. O pensamento e a linguagem são os instrumentos da sua arte. O vicio e a virtude são os seus materiais».

Depois disto dir-se-ia que tal assunto devia ser catalogado ao lado das coisas velhas, das coisas mortas. Porque a propria moral comum, evolue constantemente, sofre constantes renovações. Ao proprio Flaubert, a França, que hoje o glorifica, levou-o aos tribunais como inimigo da moral, quando ele escreveu a *Madame Bovary*. «E' uma obra que afronta a moral publica, os bons costumes da sociedade» — disse o Minis-



O despertar de Diana, por Mercié

terio Publico. Hoje, essa obra imoral é considerada uma obra prima. Por que ela se adaptou á moral? Não. Porque a moral evoluiu — e o que nesse tempo — e tão proximo está! — era um arrojo inconcebivel de artista, é hoje regalia chancelada. Apesar, porem, dessa evolução da moral, a burguesia, brandido o esqueleto de antigos preconceitos, continua a odiar toda Belesa que tem um profundo sentido de verdade. E isso reflete-se prejudicialmente nas gerações que vem brotando do ventre, pouco fecundo mas volumoso, da burguesia.

Dá-se á criança, dá-se ao próprio adolescente, uma educação errada, pautada pela mentira — preparando-se assim os espiritos jovens para o culto da hipocrisia. Desse culto nefasto vivem os artistas subservientes, vivem os escritores que claudicam com a miseravel mentalidade burguesa. Nessa claudicação se funda o êxito dos Bourget e dos Bourdeaux.

Na literatura as reticências são um biombo que só deixam ver as pernas duma mulher nua — e a insinuação subrepõe-se assim á revelação.

Nas artes plásticas esse horror á verdade levou os artistas aos mais grosseiros artificios. O sexo, órgão maximo da humanidade, era repudiado, indigno dos olhos castos, como se nele se cifrasse a própria essencia da imundicie. O sexo, sob o ódio que lhe votavam, ultrapassava as mais abjectas vísceras.

Tutelados pela moral imperante, os homens esqueciam-se de que o sexo era a fonte da vida e apresentaram-no como coisa imoral. E assim os pintores, se desejavam fixar a eurtmia dum corpo nú, serviam-se de convencionalísimos veus para ocultar o sexo do modelo, ou obrigavam este a estudadas posições, de forma a esconder o sexo julgado obsceno.

Os escultores recorriam á fôlha de parra, que assim decapitava o sexo, muralhando-o, cobrindo-o de vetos.

O artista que, dentro desse convencionalismo ridiculo, tinha o arrojo de fixar um sexo, era dentro da arte um re-



Estátua grega (Farnese)

belde, um iconoclasta, um revoltado que não se submetia à moral comum.

Ainda no tempo de Manet isso constituía uma audácia. O seu quadro *Le déjeuner sur l'herbe*, exposto em 1863 e no qual figurava uma mulher nua, sentada entre dois homens, foi qualificado pelo publico e pela critica de «indecente».

Esse ódio ao nú, que a burguesia tem mantido com extraordinaria constância, levou-a a provocar, dois anos depois, um maior escandalo sobre um novo quadro de Manet — *Olimpya*.

Para que o não inutilissem, foi necessário colocar ao seu lado um guarda. Chamavam à tela uma «obra realista» e esse amor ao real que se attribuía à Manet, irritava a burguesia, que era a detentora do artifício e inimiga da realidade... O próprio Zola constatou isso ao defender essa obra, hoje célebre, de Manet.

E aí o ódio da burguesia já não era ao sexo, mas sim ao nú, apenas ao nú, pois a *Olimpya* de Manet ocultava com a mão a rosa sexual.

Mas é acaso obsceno, fóra do prisma burguês, o nú completamente nú, o nú com toda a verdade?

Está este assunto tambem catalogado nas estantes dos assuntos que não têm mais periodo algum de discussão.

O nú na arte não é imoral. O nú é a suprema revelação da harmonia do corpo, da plastica, da belesa.

O nú, mesmo esse que vibra sob ondas de voluptuosidade, mesmo esse que descerra a boca rubra e faminta dum sexo feminino, quando sobre ele paira um anseio artistico, um anseio de vida e de belesa, não pode ser considerado imoral, não pode ser considerado, nem o é, senão pelos olhos hipocritas da burguesia.

O nú só pode ser indigno de nossos olhos quando nele ha uma preocupação pornografica, mercenaria — é dizer, quando o nú se torna industria e elemento de vicio secreto.

Mas esse nú não foi criado pelo artista, mas sim pelo industrial, pelo fabricante de postais, de oleografias obscenas — foi criado e explorado pela propria burguesia.

Um quadro que apresente um corpo desnudado, com suas linhas correndo, como afluentes, para formarem um só rio de belesa, é dizer, a belesa do conjunto, não pode ser imoral. Mesmo que nesse quadro haja um sexo, nenhuma obscenidade aí estará — porque isso seria considerar obscena á propria verdade. E os proprios catolicos, ao afirmarem que o homem e a mulher são as mais belas criações do seu deus, cometem uma pueril incoerencia, quando condenam «essa força de expressão que tem o nú, força que resiste a todos os despresos», como disse Francis Carco. Porque, como as cronicas biblicas não dizem que o deus dos catolicos tenha chamado um alfaiate para vestir o homem e a mulher, após a sua criação; ou esse deus foi um tipo obsceno ao apresentar completamente nus os fundadores da humanidade, ou não o foi, e nesse caso os catolicos estão traindo suas «sagradas leis»...

Mas porque não sendo o nú obsceno, ha de facto um nú, mais real do que qualquer outro, pois é uma fotografia do corpo dessas pobres toleradas que os fabricantes de postais e oleografias exóticas contratam para sua triste indústria, que obsceno é?

É que nesse nú já existe bem assinalada uma intenção de erotismo, aproveitando-se os vários elementos que antecedem a revelação do corpo para a posse, como as ligas, com seus laços duma sensualidade de lupanar, e como as meias que evocam as cortezãs que se entregam apressadamente e que se sujeitam a todas as lubricidades.

As próprias posições, tomadas já para se salientarem os elementos do prazer animal; o próprio cenário, onde se procura inflamar a imaginação, desde as almofadas ao



O repouso, por Modigliani (arte moderna)

divan, que aguarda apenas que o corpo venal sobre ele tombe para um espasmo mercenario; tudo isso é preparado sem nenhuma intenção de belesa, mas sim de obscenidade.

Ao contrário, nenhum artista, dos muitos que pintaram cortezãs, deu jámais à sua obra esse carácter pornografico, sem elevação e sem belesa, que possui o nú industrial — o nú de postal, o nú para o vicio secreto...

Mas é ainda á burguesia, aos defensores da moral comum, que êle aproveita, padroando todos os vicios de alcova, estimulando erotismos senis, sugerindo aberrações sexuais; porque é a burguesia e não o povo que hoje mantem todos os vicios e todas as aberrações do sexo. Sem ter sequer a elegancia que caracterizava os devassos antigos. Sem ter dado sequer ao vicio um sentido estético, requintado. Afundando-se apenas na imundicie, afrontando o próprio sexo; denegando a própria voluptuosidade.

Ferreira de Assis

Quando te ofenderes com uma falta que contigo alguem cometa, examina-te primeiro, a ti proprio, e repara se nada fizeste parecido.

MARCO-AURELIO.

A SINFONIA DO OUTONO

As folhas tombam, moribundas, no chão...

Tombam e, por cada uma, uma lágrima de seiva aflora no tronco. Quando um repelão de vento arripia a epiderme da terra, elas erguem-se, espectrais, revolteiam, ansiosas, por voltar a a ser fronde e abrigo dos ninhos tépidos. Erguem-se e caem frouxas.

Os ramos despídos das árvores agitam-se no ar, num ruído macabro de ossadas. E o

Arrecadado o pão nas tulhas e o vinho nas dornas, o homem volta à perplexidade primeira.

Que se irá seguir? Como será que o bago de trigo se ha de transformar em haste terra, em espiga doirada?! Como é que a vide contorcida, sêca, se ha de cobrir de pãmpas e, por transformações sucessivas, enfeitar de cachos?!

Como?!



pôr-do-sol, listrado de febre, tem o roxo das gengrenas e o rubro-negro do sangue pisado.

E' assim presago o outono.

Os poetas decadentes murmuram as nostalgias dos longos poentes orantes, assim como os românticos cantavam as tuberculosas idílicas a que o cair da folha punha um sinistro ponto final.

O Outono, porém, é a alegria de renascer, é a renovação triunfante. Os frutos, sazonados no verão, entram a ser só semente e as folhas caem, para que outras novas, diferentes, surjam.

O anseio de renovo nunca estua tam alto, na terra. Nunca a lei da infinita transformação é tam imperiosa; nunca a esperança, face ao desconhecido é tam perturbante.

Que virá depois?

E esta dúvida, que é surpresa e esperança, tem um sabor ante-nupcial.

O Outono assim alenta e consola. Obriga a crêr. E crêr, para o homem ávido de certeza, redime e vivifica.

Podem a folhas tombar moribundas no chão, a fé de cada um é que não perecerá jámais.

Porque tudo quanto existe, existe por graça e virtude da fé. As teogonias e os sistemas filosóficos, os sentimentos mais íntimos e as dôres mais crúas, são produto da crédula fantasia humana.

Sabe-se lá neste Outono dos séculos o que virá depois!

A semente lançada à terra germinará como antanho?! Haverá a fartura almejada?! Pode-se lá saber! Mas espera-se e confia-se.

E' essa a virtude do Outono, da fase da renovação. Saber esperar, saber crer.

O sol aquece ainda um pouco e o frio corta já. As chuvas empapam o chão, para as grandes fermentações, e as folhas redemoinham soltas no ar, vagas, imprecisas. E' o período da transição este que atravessamos. Não é porém, um introito de morte; é um prenuncio de vida. Assim se crê.

Quem sabe o que virá depois?! Quem sabe se, operada a transformação máxima no horto da vida, êle não reflorirá, com mais graça e mais



pujança? Quem sabe se aquela revolução, que periodicamente se opera na natureza, não terá os mesmos efeitos actuando nos seres?

Quem sabe se este tronco ressequido, como que queimado ao fogo da cubiça, que é a sociedade actual, não reverdecerá em gomos tenros, não se cobrirá de frutos doces, que todos poderão colher?

Quem sabe? Que consulte cada um os seus próprios sentimentos e ouça a voz do coração. Neste Outono da vida não há lugar para o desânimo. Esperemos, confiemos.

Quem pode ter a certeza de que sim, mas quem pode também ter a certeza de que não?

Que as folhas tombem moribundas. Festejemo-lo, com gritos pagãos: Evoé!

O MUNDO CURIOSO

Desde quando se usa a pintura a óleo

Os processos empregados pelos pintores de que mais se fez uso na antiguidade são a pintura a tempera e a encaustico. Os egípcios e os etruscos serviam-se da pintura a tempera para pintar os seus hipoginos. Giotto, Frei Angelico e Perugino serviam-se igualmente dela. Van Eyck, pintor flamengo, que viveu pelos anos de 1370 a 1440, atribue-se o descobrimento da pintura a óleo, cujo emprego é mais fácil que o da tempera.

Não obstante, as pinturas feitas a óleo são menos resistentes, amarelecem ou enegrecem ficando opacas dentro de poucos anos, ao passo que as pinturas velhas de muitos séculos feitas por meio de encaustico e tempera conservam toda a sua frescura e brilho.

Galileu e Descartes

Toda a gente sabe que Galileu foi condenado pelo Tribunal da Inquisição por afirmar, nos seus escritos, que a Terra se movia, contra o prescrito nas cosmogonias antigas que sustentavam que a terra estava fixada no centro do Universo.

O filósofo francês Descartes, contemporâneo de Galileu, tinha escrito uma obra intitulada «O Mundo ou teoria da luz» na qual admitia o movimento da Terra, dispondo-se a publicá-la quando o sábio italiano foi conde-

nado em Roma. Desistiu do seu proposito, porque era um homem apoucado e sentia um terror enorme pela Inquisição. A obra só foi publicada depois da morte de Descartes pelo seu discipulo Chercelier.

Galileu e Descartes, os dois colossos de intelligencia do seculo XVII, sem se conhecerem, compreenderam-se.

O quadro da «Ceia» de Leonardo de Vinci

A celebre «Ceia», de Leonardo de Vinci, esteve no refeitório dos dominicanos de Milão.

Segundo varios escriptores, atacado e tomado o convento por surpresa, a sala foi convertida em deposito de artilharia, e a obra prima do grande pintor italiano serviu de alvo aos soldados francezes para se exercitarem em pontaria, fazendo *mouche* da cabeça do Redemptor.

Refere mais lady Morgan, no seu livro «Viagem á Italia», que no citado quadro foi aberta uma pequena porta entre as pernas de Cristo, explicando o caso da seguinte forma:

Era preciso levar a comida, pelos claustros, da cozinha ao refeitório, esfriando as iguarias pelo caminho. Então os monges resolveram abrir uma porta que punha em comunicação o refeitório com a cozinha, que estava precisamente por traz do fresco de Leonardo de Vinci.

Foi, portanto, para não arrefecer a comida dos frades, que se estragou a «Ceia» de Cristo.

Uma nova diversão — o «Pogo»

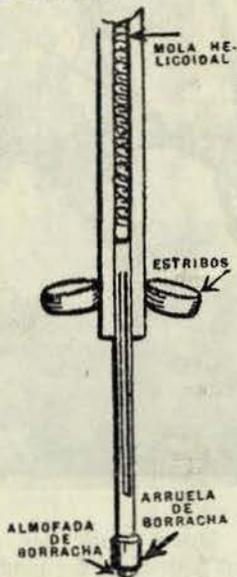
Nos Estados Unidos acha-se em voga uma original diversão, a qual consiste em saltar o «Pogo», que não sómente oferece um esplêndido divertimento mas também um exercício saudável, ao qual se dedicam as pessoas adultas e as crianças. A aparição deste pau de saltar, deu origem a um novo desporto que ali dedominam «Pogoing».

Com o «Pogo» uma pessoa pode saltar sem o menor sacudimento e sem ter que exercer grande esforço físico. Como desporto, o «Pogo» é uma animada diversão que também tem tôdas as características que oferece um fascinante concurso.

De facto, em um concurso realizado em Londres, bateu-se o «record» internacional, pois um dos concorrentes saltou uma larga escada, seis degraus de cada vez.

Neste concurso também houve uma corrida de quarenta jardas e outra prova para ver quem podia manter-se mais tempo saltando com o «Pogo» em um espaço de cinco pés quadrados.

O «Pogo» é um pau grosso, com uma parte ôca que leva uma forte mola em helice, estribos de ferro e na extremidade inferior leva uma espécie de pistão, dotado de uma almofada de borracha e uma arruela do mesmo material. Para disfrutar do desporto, basta trepar-se nos estribos e começar a saltar. Quando



o «Pogo» bate contra o chão, o pistão sobe e choca contra a mola, e desta maneira se desenvolve o movimento de saltos.

«Pogo» foi o nome original de uma pequena aldeia

em Transylvânia. No lado oposto da dita aldeia havia um rio largo, profundo e caudaloso. A única passagem de que poderiam valer-se os pastores ou criadores de gado achava-se muito distante da aldeia. Para sanar esta dificuldade, colocou-se uma fileira de grandes pedras de um lado ao outro do rio, e para atravessá-lo a gente saltava de uma pedra à outra até alcançar o lado oposto. Entretanto, com o correr dos tempos, estas pedras foram-se desgastando, a tal ponto que sómente os jovens muito ágeis podiam saltar com segurança. Assim estavam as coisas em fins do século dezassete, época em que veio a residir na aldeia um operário de Westphalia, que a posteridade conhece com o nome de Adelbert. Possuindo de um génio inventivo, dedicou-se a idear a maneira prática de atravessar o rio, e o pau «Pogo» foi o fruto dessa investigação.

O uso do garfo

O garfo foi conhecido pelos antigos e até ao século XV não se fez menção desse utensílio de meza, se não para trinchar, tendo apenas dois dentes. A comida era levada á boca com os dedos. O rei D. Afonso o Sabio, na segunda parte das suas leis, prescreve que osaios dos infantes não consintam que estes peguem nas viandas com todos os dedos da mão, o que indica que o unico progresso que havia conseguido até então a educação fôra o de pegar nas vidualhas só com dois ou tres dedos. Com três dedos recomenda Erosmo que se pegue na comida.

Desde o século XIV que se faz menção, ainda que rara, de garfos, em inventarios. No de Clemente de Hungria, 1328, figuram 30 colheres e um garfo de ouro; na Execução do testamento de Joana de Evreux, 1372, fala-se de um garfo de ouro com uma colher dentro dum estojo; no inventario de Carlos V de França, 1380, menciona-se um garfo que se punha na bandeja em que se serviam os utensilios de comer ao monarca; no Inventario do duque de Béjar, cita-se um garfo de prata engastado num pedaço de coral quebrado. Finalmente, o exiguo numero em que figuram os garfos ao lado das colheres nestes e noutros documentos, mostra que... não se fazia na meza o uso que hoje se faz. As miniaturas de codices e as pinturas em tabuas, umas e outras tão cheias de curiosos e minuciosos pormenores da vida e dos costumes dos ultimos tempos da Edade Media, corroboram, com a falta de garfos nas mezas, a opinião indicada.

Apesar disso afirma-se que em Espanha durante a dominação arabe, os mouros usavam garfos para levar á boca a comida, porquanto, segundo a lei de Mafoma, proscree-se todo o contacto de materia extranha com as viandas no acto de as comer, supondo-se que era usado o garfo de cinco dentes consagrado pela mesma lei.

Mais perto dos nossos dias encontra-se noticia de que a princeza de Condé, em 1609, comia com os dedos e com luvas calçadas; por outro lado, Luiz XIII de França, que recebeu a mais severa educação, usou desde menino a faca á guisa de garfo, e Annis de Austria, educado na côrte de Espanha, não poudes nunca habituar-se a êle, e, apesar da vaidade que sentia em ter as mãos lindas, comia com os dedos.

O uso do garfo introduziu-se lentamente, e uma das pessoas que pela sua extrema pulcritude na meza contribuíram para isso foi, em França, o duque de Montpensier. Nos fins do século XVII o uso do garfo era geral, especialmente entres os abastados.

Em geral, só tinham dois dentes e como toda a gente os usava, fabricavam-se de cobre, níquel, estanho e ferro. Só excepcionalmente se encontram garfos dessa época de ouro e pedrarias. Desde que se tornou um utensílio indispensavel, foi preciso torna-lo simples.

RENOVAÇÃO

REVISTA GRAFICA

DE

NOVOS HORIZONTES SOCIAIS

Arte, Literatura e Actualidades

Aparece em 1 e 15 de cda mês

Número solto, 1\$50

Condições de assinatura:

Portugal, colónias e Espanha

3 meses	9\$00
6 "	18\$00
Ano	36\$00

Estrangeiro

6 meses	25\$00
Ano	50\$00

AGENCIAS

Paris — *Livraria Internacional* — Rue Petit, 14 (19^e)
New Bedford, Mass (U. S. A.) — *Livraria Contemporânea*
— 56. Nelson St.
Argentina — *José Francisco de Jesus* — Cassilla, 19 — Comodoro Rivadavia Chubut.
Funchal — *Bureau de La Presse.*

ANÚNCIOS

No interior e última página da capa, ilustrados e a côres, preços convencionais com a

ADMINISTRAÇÃO

Calçada do Combro, 38 - A - LISBOA